



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES DO CURSO DE ENGENHARIA FLORESTAL – UFPR

Daniela Biondi¹

Gabriela Cardozo Alves²

RESUMO: O objetivo desta pesquisa foi avaliar a contribuição da extensão universitária na formação de estudantes do curso de Engenharia Florestal da Universidade Federal do Paraná. Para analisar a percepção dos participantes de um projeto de extensão, foi elaborado um questionário semi-aberto com onze perguntas, com questões relacionadas com as dificuldades e facilidades enfrentadas nas atividades, a absorção do significado e a importância de exercitar a extensão na vida acadêmica. Foram entrevistados 25 dos monitores do projeto, sendo que 28% eram bolsistas e 72% eram voluntários. Mais de 60% dos entrevistados não definiram a extensão de forma completa. A maior fonte de pesquisa utilizada para a definição de extensão universitária foi obtida durante a participação do estudante no projeto (65%). As maiores dificuldades foram com a exposição ao público (28%) e a transmissão de conhecimentos para as crianças (28%). A superação das dificuldades foi alcançada pelo esforço individual do estudante (95%). Todos os entrevistados perceberam a relação ensino, pesquisa e extensão. As maiores contribuições da extensão no desenvolvimento acadêmico foram: 30% para a realização de atividades que não são encontradas na grade curricular do curso, 23% para o desenvolvimento de projeto de extensão e 20% para a prática de ensino. A maior contribuição pessoal obtida pelos alunos foi vencer a timidez e conseguir falar em público. Os acadêmicos deram ênfase a extensão na universidade e sua importância para a sociedade.

Palavras-chave: percepção; voluntários; desenvolvimento acadêmico.

ABSTRACT: The aim of this study was to evaluate the contribution of university extension among the students of Forest Engineering, Federal University of Parana. To analyze the participants' perception of an extension project, we designed a semi-open questionnaire with eleven questions, issues related to the difficulties faced in the activities and facilities, the absorption of the meaning and importance of exercise in academic life extension. We interviewed 25 of the monitors of the project, of which 28% were fellows and 72% were volunteers. Over 60% of respondents did not define the extent fully. The largest source of research used for the definition of university extension was obtained for student participation in the project (65%). The greatest difficulties were with exposure to the public (28%) and the transmission of knowledge to children (28%). Overcoming the difficulties has been achieved by the individual student's effort (95%). All respondents perceived the relation between teaching, research and extension. The major contributions in the academic development of the extension were 30% for carrying out activities that are not found in the curriculum of the course, 23% for the development

¹ Engenheira Florestal, Dra., Professora Associada do Curso de Engenharia Florestal da Universidade Federal do Paraná. Av. Prof. Lothário Meissner, 900, Jardim Botânico, Curitiba, Paraná, CEP: 80210-170. dbiondi@ufpr.br. Bolsista de Produtividade do CNPq.

² Acadêmica do Curso de Engenharia Florestal da Universidade Federal do Paraná. Av. Prof. Lothário Meissner, 900, Jardim Botânico, Curitiba, Paraná, CEP: 80210-170. gabriela_alves@ymail.com. Bolsista do PET-Floresta.

of the extension project and 20% for teaching. The largest individual contribution was obtained by the students overcome shyness and to speak in public. Scholars have emphasized the extent to university and its importance to society.

Key words: perception; volunteers; academic development.

INTRODUÇÃO

Nada é mais repetitivo do que iniciar uma pesquisa sobre extensão universitária apresentando o seu conceito. Por que o mesmo não acontece com uma pesquisa acadêmica? Isto pode significar maior ou menor importância que se dá para um ou para outro; ou é devido a complexidade de fatores e atores; ou ainda pelo próprio desconhecimento de sua essência.

Considerando-se estes aspectos, optou-se pelo caminho habitual, conceituação da extensão universitária: segundo o Plano Nacional de Extensão, publicado em 1999, a extensão universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade (EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2007). Para assegurar a sua eficiência e eficácia, o mesmo plano define também as diretrizes para a extensão universitária que devem estar presentes em todas as ações de extensão. São elas: impacto e transformação, interação dialógica; interdisciplinaridade, indissociabilidade ensino – pesquisa – extensão.

Enfatizando a importância da extensão na comunidade acadêmica e sociedade, pode-se ainda dizer que a extensão é uma via de mão dupla com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará na sociedade a oportunidade da elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à universidade, docentes e discentes terão um aprendizado que submetido à reflexão teórica, seria acrescido àquele conhecimento. Este fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados /acadêmico e popular, terá como consequência a mudança de conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atenção da universidade (FORUM, 2001).

Pensar a universidade a partir de seus objetivos básicos de formação profissional, geração de novos conhecimentos e disseminação desses conhecimentos, pode-se dizer que é um processo complexo face à natureza e diversidade do trabalho acadêmico. Inserida neste contexto a extensão universitária, que apresenta uma diversidade conceitual e prática, interfere expressivamente no “pensar” e no “fazer” no interior da Universidade (SERRANO, 2010).

Reconhecendo as qualidades da extensão, principalmente no meio acadêmico, Silva; Vasconcelos (2006) diz que a educação superior no Brasil prioriza o ensino e a pesquisa, sem valorizar as atividades de extensão como indispensáveis para a formação profissional.

Considerando que as atividades de extensão na universidade são fundamentais para complementar o desenvolvimento profissional e pessoal dos acadêmicos de qualquer curso é que surgiu a motivação desta pesquisa. O objetivo desta pesquisa foi avaliar a contribuição da extensão universitária na formação de estudantes do curso de Engenharia Florestal da Universidade Federal do Paraná.

MATERIAL E MÉTODOS

O público alvo desta pesquisa foram os estudantes do curso de Engenharia Florestal participantes do projeto de extensão “Floresta-Escola”, que desenvolveram atividades de educação ambiental semanalmente por no mínimo seis meses.

O Projeto Floresta-Escola realiza atividades semanais de educação ambiental, tais como: excursão a uma trilha na floresta com estudantes do ensino fundamental, palestras nas escolas e oficinas com o mesmo tema. As excursões na trilha ocorrem uma vez por semana, no remanescente de floresta localizado no Campus III, Jardim Botânico da Universidade Federal do Paraná. Durante o percurso, os monitores fazem uma interpretação da natureza abordando solo, água, flora e fauna, para as crianças de 4ª e 5ª series da Rede Pública e Privada do município de Curitiba e Região Metropolitana. As palestras abordam o tema Meio Ambiente e as oficinas desenvolvem a criatividade das crianças, através de trabalhos manuais com produtos da floresta. Ambas as atividades são realizadas em parceria com o Projeto “Guarda - Mirim” da Secretaria de Defesa Social – Prefeitura Municipal de Curitiba-PR.

Para analisar a percepção dos estudantes participantes deste projeto de extensão, foi elaborado um questionário semi-aberto com onze perguntas, com questões relacionadas com as dificuldades e facilidades enfrentadas nas atividades, a absorção do significado e a importância de exercitar a extensão na vida acadêmica (Quadro 1). A coleta de dados foi realizada entre os meses de julho e agosto de 2010. Os questionários foram enviados aos ex-monitores e aos que ainda atuam no projeto de extensão via e-mail. Os dados foram processados em uma planilha do Programa Excel e apresentados em percentagem através de gráficos.

Quadro 1 – Questionário para avaliação dos monitores do projeto de extensão.

| | |
|---|---|
|  | UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ SETOR DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS FLORESTAIS |
| AVALIAÇÃO DOS MONITORES DO PROJETO DE EXTENSÃO FLORESTA-ESCOLA | |
| 1 – Quanto tempo você participou do Projeto de Extensão Trilha da Floresta/Floresta-Escola? R: _____ | |

2 - Você pode definir o que é Extensão?

3 – Qual a fonte de informação que você buscou para definir o que é Extensão?

- nas disciplinas durante o curso de Engenharia Florestal
 durante o projeto de extensão em que participou
 no site de busca – Google
 outro

Qual: _____

4 – Qual a atividade que você teve maior facilidade e maior dificuldade no Projeto de extensão?

R:

Facilidade: _____

Dificuldade: _____

5 – Você conseguiu superar a sua dificuldade? Sim Não

Se sim, como?

6 - Sua participação como bolsista e/ou voluntário no projeto de extensão permitiu a você verificar a relação ensino/pesquisa e extensão?

- Sim Não

Se sim, de que forma?

7- Em que aspecto o projeto de extensão contribuiu para o seu desenvolvimento acadêmico?

- ser autor ou co-autor de publicação
 realizar atividades que não são encontradas na grade curricular do curso
 desenvolver projeto de extensão
 desenvolver projeto de pesquisa
 praticar ensino
 Outro

Qual? _____

8- Em que aspecto o projeto de extensão contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal?

- ser menos tímido e conseguir falar em público
 ter mais iniciativa
 saber trabalhar em equipe
 ser mais criativo
 ter mais segurança
 Outro

Qual? _____

9 – Como você vê o papel de um projeto de extensão numa universidade pública?

- é uma obrigação de toda universidade fazer extensão
(...) é uma contribuição da universidade para sociedade
(...) é uma área imprescindível em todo curso
 outro

Qual: _____

10 – O que você recomendaria para um bom desempenho nas atividades de extensão?

11 – Você gostaria de receber o resultado desta pesquisa? Sim Não.

Agradeço muito sua atenção!

RESULTADOS E DISCUSSÃO

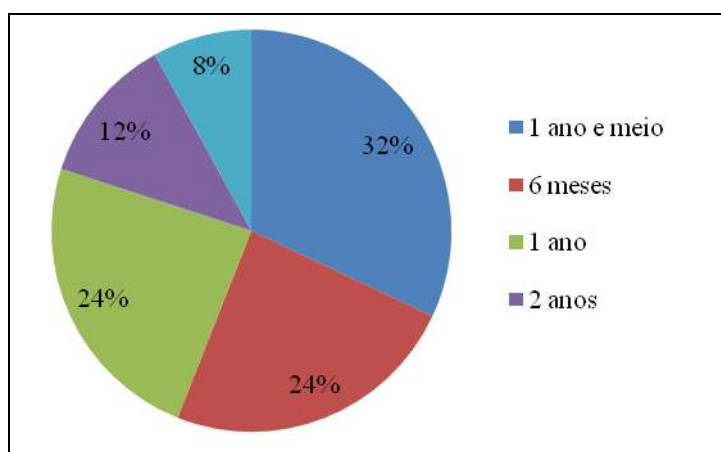
Foram entrevistados 25 monitores do projeto de extensão “Floresta-Escola”, sendo 28% bolsistas e 72% voluntários. Isto demonstra que o maior interesse dos participantes é a prática da extensão e não a remuneração de uma bolsa. Os resultados obtidos da análise dos dados foram organizados nos seguintes tópicos: tempo de participação dos monitores, definição de extensão universitária, dificuldades na extensão, indissociabilidade ensino-

pesquisa-extensão, desenvolvimento acadêmico e pessoal, extensão universitária na universitária e recomendações para um desempenho.

Tempo de participação dos monitores no projeto de extensão

O tempo de permanência dos entrevistados (monitores) foi, na maioria (33%), de um ano e meio (Figura 1). Este período pode ser considerado bom ou além da expectativa de permanência, pelo menos, quando se relaciona com um bolsista remunerado que é de 12 meses. Este resultado é ainda mais positivo quando se observa que a sua maioria (72%) dos participantes foi de monitores voluntários. Para Serrano (2010) o voluntarismo na extensão universitária é um fator positivo porque é o início de uma tomada de consciência da necessidade de mudanças na forma de atuação das universidades, em relação com a sociedade.

Figura 1 – Tempo de participação dos monitores no projeto.



Definição de extensão universitária

Todas as respostas dos entrevistados foram comparadas com a definição da Resolução 70-08 da UFPR - Extensão Universitária é um processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e os demais setores da sociedade (UFPR, 2010).

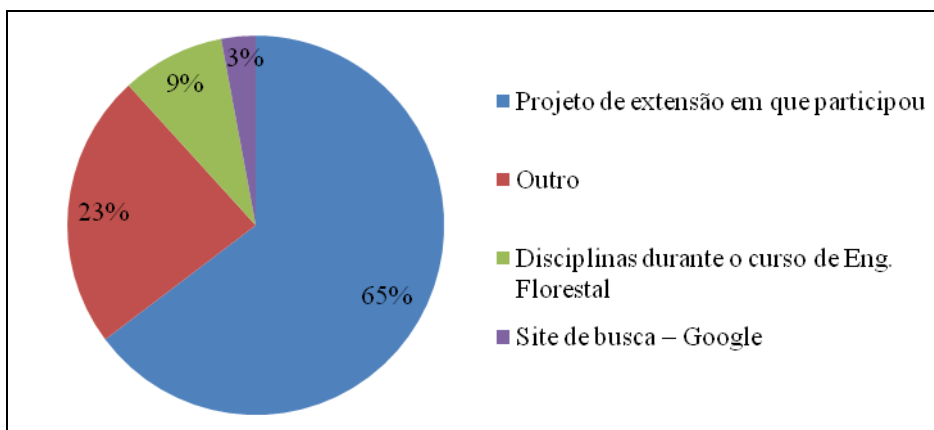
Mais de 60% dos entrevistados não definiram a extensão de forma completa. A grande maioria considerou que a extensão era apenas uma atividade acadêmica que se realiza com a comunidade externa. Não foi mencionado de nenhuma forma, que a extensão era um processo de mão dupla, isto é, a universidade tanto leva como trás o conhecimento da comunidade. A forma simplificada de definir extensão e o entendimento do seu processo não

é um resultado exclusivo desta pesquisa. Muitos estudantes de diversas universidades, mesmo envolvidos em projetos de extensão, ainda não conseguem abstrair de suas práticas uma definição completa e satisfatória às fontes acadêmicas. Isto pode ser observado em relatos de alguns autores neste texto.

Castro (2010) encontrou em depoimentos com membros de projetos de extensão definições salientando que a extensão é uma possibilidade da universidade interagir com a população e por conseqüência os acadêmicos terem contato com o mundo fora da universidade para levar conhecimentos. A mesma autora afirma que esta linha de pensamento reforça a concepção autoritária do fazer acadêmico. Para complementar a definição de extensão universitária, Silva; Vasconcelos (2006) afirmam que o maior problema da inserção da extensão no ambiente acadêmico e na própria comunidade se refere ao aspecto conceitual, filosófico e organizacional. Convencionou-se entender extensão como aquilo que não é nem ensino nem pesquisa, ou como uma prestação de serviços, ou uma ação beneficente, assistencialista voltada para populações carentes. Sabe-se que a extensão vai muito, além disso, é um processo de construção de conhecimento conjunto, utilizando saberes do agente responsável (professor) junto com a comunidade externa, que não é necessariamente carente de recursos financeiros. Jezine (2004) diz que a extensão universitária sai da dimensão de prestação de serviços assistencialistas por causa da ênfase que é dada na relação teoria-prática, na perspectiva de uma relação dialógica entre universidade e sociedade e na oportunidade de troca de saberes.

De acordo com os resultados apresentados na Figura 2, a maior fonte de pesquisa utilizada para a definição de extensão universitária foi obtida durante a participação do estudante no projeto (65%). É pena que não se tenha também obtido informações sobre extensão em disciplinas correlatas, já que o curso de Engenharia Florestal tem em sua grade curricular uma disciplina chamada Extensão Rural. É comum que certas disciplinas no curso iniciem suas atividades didáticas pela aplicação do tema e desconsiderem a parte conceitual, filosófica e organizacional da extensão. Isto faz com que os estudantes vejam a extensão de maneira compartimentalizada ou fragmentada do conjunto. Sendo assim, os estudantes que fizeram a disciplina Extensão Rural e participaram de um projeto de extensão, podem achar que não há relação entre eles. O que não é verdadeiro porque o fundamento deve ser o mesmo.

Figura 2 – Fonte utilizada para a definição de extensão universitária.

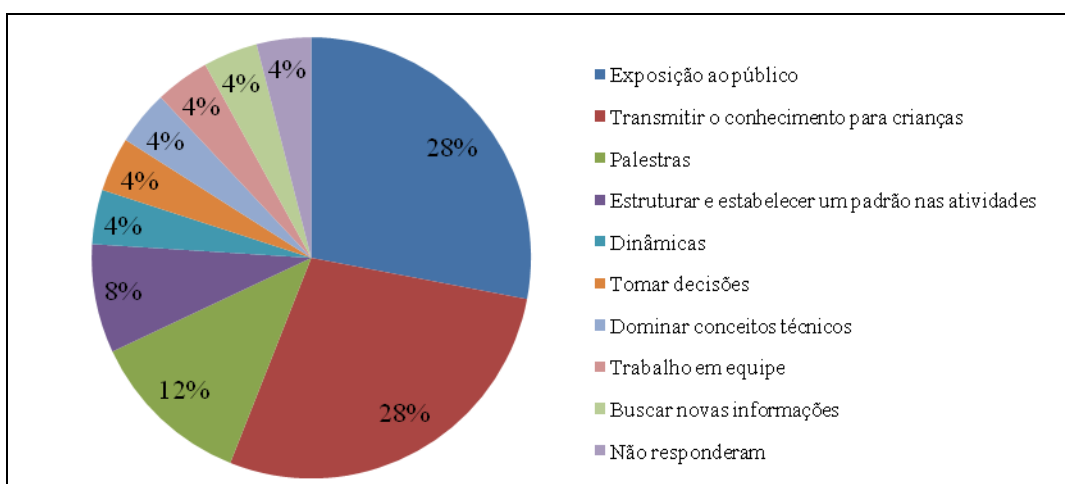


Superação das dificuldades na extensão

Quanto às dificuldades nas atividades de extensão universitária, os estudantes responderam “exposição ao público” e a “transmissão de conhecimentos para as crianças” com percentagens iguais (28%). Também encontraram dificuldades com a realização de palestras (12%), estruturação e estabelecimento das atividades com um padrão (8%) e com igual percentagem (4%) para realização de dinâmicas, tomadas de decisões, domínios de conceitos técnicos, trabalhos em equipe e busca de novas informações. E ainda, 4% dos entrevistados responderam não ter dificuldades nas atividades de extensão (Figura 3).

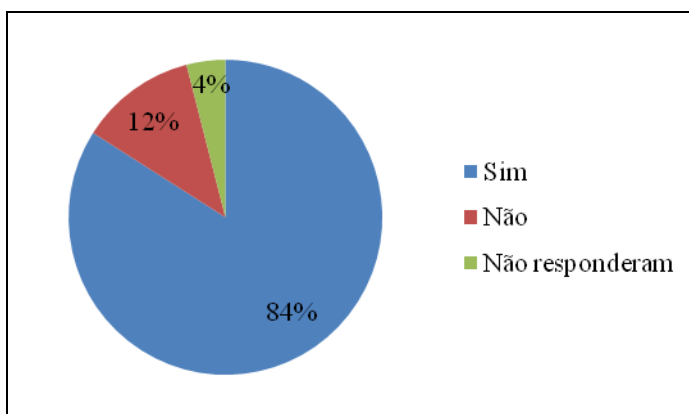
Ribeiro (2005) afirma que as dificuldades que surgem em um trabalho de extensão podem se apresentar sob a forma de obstáculos que impedem a sua efetivação ou podem proporcionar um aprendizado e um incentivo à busca de novas possibilidades.

Figura 3 – Dificuldades dos monitores no projeto de extensão.



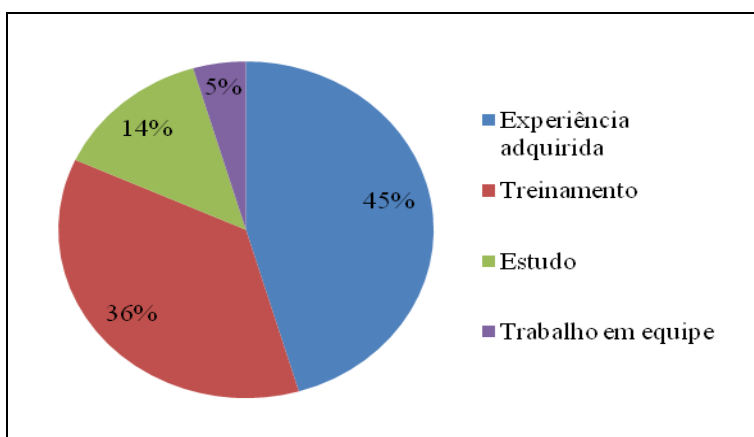
A maioria dos entrevistados (84%) superou suas dificuldades, 12% não conseguiram superar e 4% não responderam (Figura 4). O mais interessante deste resultado que a superação das dificuldades foi alcançada durante a permanência do estudante no projeto de extensão. Isto reforça a afirmação de Ribeiro (2005), que diz que a dificuldade é um aprendizado.

Figura 4 – Houve superação das dificuldades dos monitores no projeto de extensão.



Com a análise dos dados obtidos, constatou-se na Figura 5 que a maioria das dificuldades foi superada através da experiência adquirida e treinamento (81%), seguidas de estudo (14%) e trabalho em equipe (5%). É interessante frisar que 95% desta superação foram alcançadas pelo esforço individual do estudante.

Figura 5 – Como foram superadas as dificuldades dos monitores no projeto de extensão.



Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão

Todos os entrevistados (100%) perceberam, durante o projeto de extensão, a relação ensino, pesquisa e extensão. Quanto à forma como foi verificada esta relação, 2% não

conseguiram expressar como foi verificada esta relação. A maior percentagem ficou para percepção da pesquisa com 58% e 40% para o ensino (Figura 6). Este resultado pode ser justificado pela ação concreta e objetiva da pesquisa na extensão. Além disso, a pesquisa, na maioria dos cursos, é a função acadêmica mais diretamente aplicada na universidade como forma de prática das informações científicas. Já o ensino é uma ação mais implícita e automática que se torna difícil de separá-lo dessa interação ensino-pesquisa-extensão, por isso a indissociabilidade.

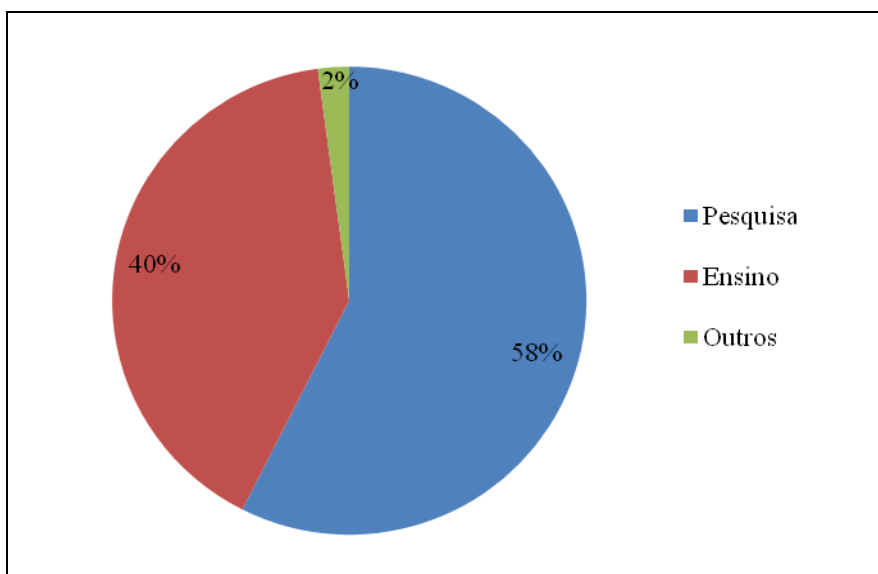
A confirmação da extensão como função acadêmica da universidade não passa apenas pelo estabelecimento da interação ensino e pesquisa, mas implica a sua inserção na formação do aluno, do professor e da sociedade, na composição de um projeto político-pedagógico de universidade e sociedade em que a crítica e autonomia sejam os pilares da formação e da produção do conhecimento (JESINE, 2004). As atividades extensionistas devem estar integradas ao ensino e à pesquisa, para que resultem numa ação pedagógica conjunta a fim de que não sofra interrupção (CALDAS; BARBOZA, 1995).

Tanto para a sociedade como para os estudantes a extensão é uma constante prática de ensino. Isto se evidencia quando se afirma que a extensão é um processo de mão dupla: se ensina e se aprende ao mesmo tempo. Um exemplo claro disto é quando se faz extensão em uma comunidade – os estudantes ensinam algo para eles e eles ensinam algo para os estudantes. Esta troca de saberes se dá através do ensino. Para Rays (2003), o ensino é um termo bastante familiar para as instituições escolares, organizações não-escolares, movimentos sociais emergentes e os mais diversos segmentos sociais. É uma palavra familiar quando entendida como mera transmissão e reprodução de conhecimentos e subsequente recepção por parte do aprendiz. No entanto, se partir da asserção que ensinar não se caracteriza com o simples ato de transferir conhecimentos por aqueles que sabem àqueles que não sabem a palavra ensino não chega a ter esse sentido para a totalidade dos que participam da vida escolar e dos segmentos sociais.

A todo o momento a prática de ensino é vivenciada na extensão e na pesquisa. Martins (2010) afirma que organicamente unidas ao ensino é que a pesquisa e a extensão terão a máxima expressão na formação superior. Cunha (1996) diz que a maior parte da comunidade universitária, principalmente os docentes, explicita a idéia de que há indissociabilidade quando o professor faz ensino e tem projetos de pesquisa e extensão. Esta idéia de indissociabilidade se concretizaria pelo trânsito de experiências e conhecimentos que o professor leva aos alunos, como resultado de suas vivências acadêmicas.

A relação entre o ensino, a pesquisa e a extensão, quando bem articulados, conduz a mudanças significativas nos processos de ensino e de aprendizagem, fundamentando didática e pedagogicamente a formação profissional, e estudantes e professores constituem-se, efetivamente, em sujeitos do ato de aprender, de ensinar e de formar profissionais e cidadãos. A pesquisa e a extensão, em interação com o ensino, com a universidade e com a sociedade, possibilitam operacionalizar a relação entre teoria (DIAS, 2009).

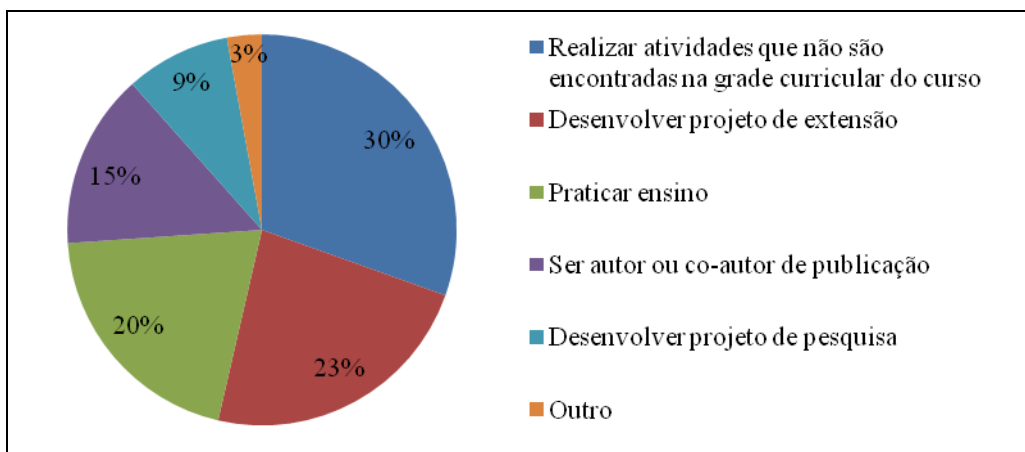
Figura 6 – De que forma o ensino e a pesquisa se inserem no projeto de extensão.



Desenvolvimento acadêmico e pessoal

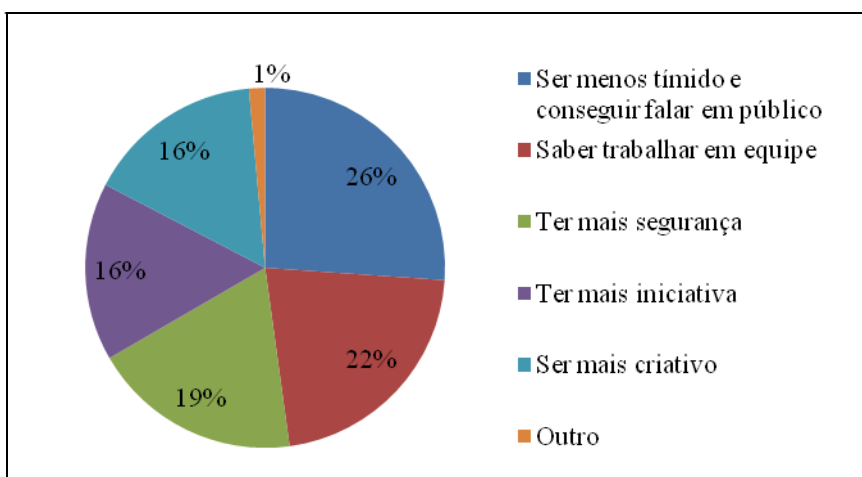
Observa-se na Figura 7 que as maiores contribuições da extensão no desenvolvimento acadêmico foram: 30% para a realização de atividades que não são encontradas na grade curricular do curso, 23% para o desenvolvimento de projeto de extensão e 20% para a prática de ensino. Este resultado demonstra a preocupação do estudante com sua formação acadêmica procurando solucionar individualmente as deficiências do curso. Por outro lado, o curso de Engenharia Florestal não toma conhecimento destas dificuldades, considerando a extensão desnecessária na formação acadêmica, fato constatado na atual reforma curricular. Segundo Silva; Vasconcelos (2006), a formação acadêmica vai além da aquisição de conhecimentos técnico-científicos, até porque esses se esvaziam quando não são integrados à realidade.

Figura 7 – A contribuição da extensão no desenvolvimento acadêmico.



Para Pierson et al³. citado por Silva; Vasconcelos (2006), a inserção da extensão num curso precisa de uma flexibilização da estrutura curricular que viabilize o envolvimento dos estudantes com atividades de extensão que possam ser creditadas como componente curricular. De forma mais contundente, poderia ser tentado um modelo que inserisse a extensão como um eixo de formação contínuo (produção de conhecimento e intervenção profissional), que se iniciaria no primeiro semestre e se estenderia até o último.

Figura 8 – A contribuição da extensão no desenvolvimento pessoal.



No desenvolvimento pessoal, os resultados foram mais equilibrados como mostra a Figura 8. Mesmo assim, a maior contribuição foi para “ser menos tímido e conseguir falar em público”. Para o estudante, esta contribuição tanto vai servir para a possibilidade de atuação

¹ PIERSON, Alice Helena Campos; CORTEGOSO, Ana Lucia; ARAÚJO FILHO, Targino de. Flexibilização curricular: experiências e perspectivas. In: THIOLLENT, Michel; CASTELO BRANCO, Alba Lúcia; GUIMARÃES, Regina Guedes Moreira; ARAÚJO FILHO, Targino de. (org.). *Extensão universitária: conceitos, métodos e práticas*. Rio de Janeiro, v. 1, p. 41-55, 2003.

na pós-graduação como numa melhor preparação do indivíduo para enfrentar a competição no mercado de trabalho. Isto demonstra a grande importância da extensão na formação de recursos humanos de forma completa – acadêmico e pessoal.

O papel da extensão é ampliar a visão de mundo do aluno, do professor e do funcionário que participam das atividades. É pela prática extensionista que o contato com o mundo além-muros se torna mais maleável e, talvez, mais atraente para a adequação das cadeiras curriculares. É a partir da prática extensionista que a educação assume o caráter de constância e, muitas vezes, de transformação (FELLIPE, 2010).

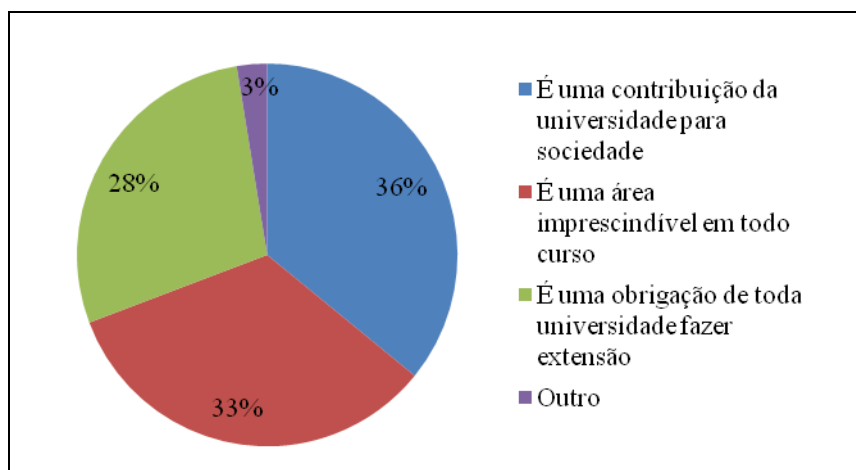
Nas universidades brasileiras percebe-se que são poucos os estudantes que conseguem enxergar a importância da extensão, ensino e pesquisa para a sua formação profissional e pessoal. Dificilmente o estudante procura voluntariamente um professor para aprender um ofício. A maioria deles acha que precisam ser pagos para desenvolver qualquer atividade acadêmica. O seu aprimoramento em qualquer atividade deve ser encarado como uma obrigação do acadêmico ou o cumprimento de seus afazeres universitários. A recompensa disto não deve ser a remuneração através de uma bolsa e sim um pleno aproveitamento das oportunidades surgidas no seu curso. A grande recompensa pelo interesse em aprender e se aperfeiçoar enquanto acadêmico será marcada pela qualidade do profissional que foi formado.

Pela extensão, a comunidade acadêmica tem a possibilidade de, na sociedade, elaborar e vivenciar a práxis do conhecimento adquirido, promovendo uma postura que vai além da formação profissional do estudante, propiciando-lhe uma visão mais globalizada de conhecimento, a partir da conscientização das realidades vivenciadas por diferentes comunidades e da compreensão do seu papel enquanto sujeito social (MARTINS, 2008).

A Extensão na universidade pública

Na Figura 9 são apresentados os resultados de como os estudantes vêem a extensão na universidade. As percentagens apresentam-se bem distribuídas em três respostas: a extensão é uma contribuição da universidade para a sociedade; é uma área imprescindível em todo curso e é uma obrigação de toda universidade fazer extensão. As respostas dos acadêmicos dão ênfase a extensão na universidade e sua importância para a sociedade. A obrigatoriedade da universidade em fazer extensão referida pelos estudantes, está relacionada a retribuição que deve ser dada a sociedade, já que ela paga através de seus impostos, o seu funcionamento e conseqüentemente para a produção de conhecimentos.

Figura 9 – Como o estudante vê a extensão na Universidade Pública.



A concepção do compromisso social da universidade permite identificar os dois objetivos básicos da extensão universitária. O primeiro é formar um aluno comprometido com a realidade do país e com a diminuição das diferenças sociais. O segundo objetivo é a formação da cidadania. A Universidade deve instrumentalizar a população, fornecendo elementos para que cada indivíduo perceba e entenda os seus direitos e deveres (CALDAS; BARBOZA, 1995).

Segundo Rauber (2010), a extensão universitária pressupõe uma ação junto à comunidade, disponibilizando ao público externo o conhecimento adquirido com o ensino e a pesquisa que foram desenvolvidos pela instituição. Sendo assim, as atividades de extensão universitária desvelam a importância de sua existência na relação estabelecida entre instituição e sociedade.

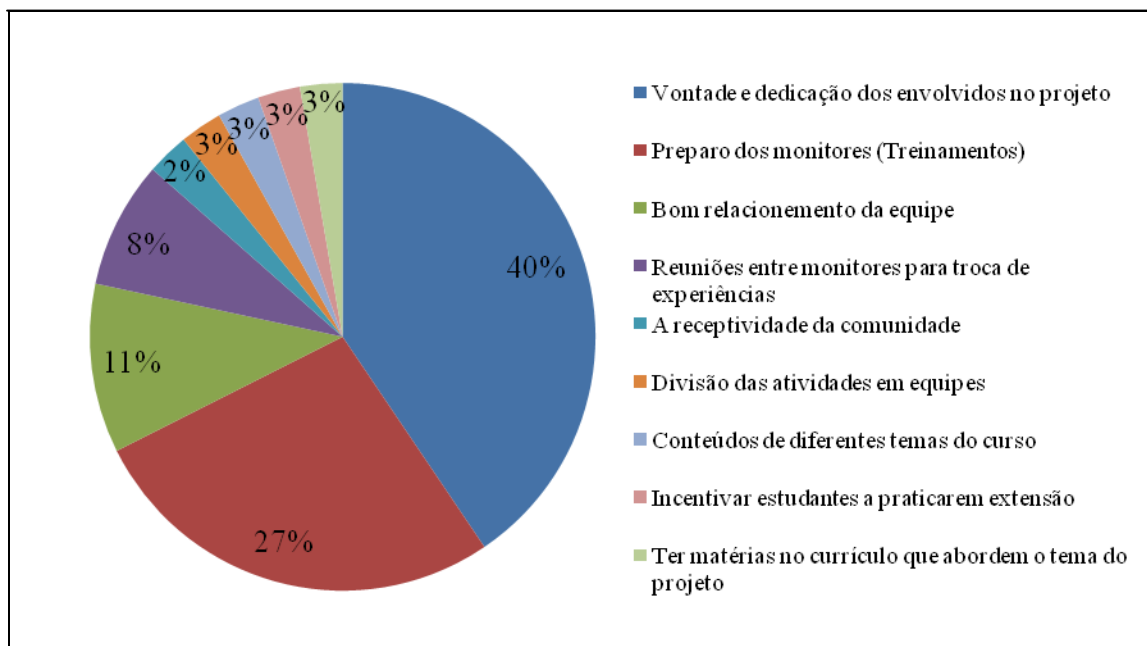
Recomendações para um desempenho na extensão.

A vivência dos entrevistados foi tanta que eles se sentiram a vontade para fazer diversas recomendações. Segundo Castro (2010), a extensão produz conhecimento a partir da experiência por isso se adquire capacidade de narrar sobre o fazer.

Observa-se na Figura 10 que as maiores percentagem foram: 40%, para a recomendação “vontade e dedicação dos envolvidos no projeto” e “preparo dos monitores (treinamentos)” com 27%. Surge novamente nesta pesquisa a importância do empenho individual dos participantes, representado por 67% das respostas. Embora, a maioria das atividades de extensão seja uma prática que dependa do trabalho em equipe, os resultados desta pesquisa demonstram que o esforço e o aprimoramento individual devem vir antes do

trabalho em conjunto. Pelo que foi visto, cada um precisa tentar trabalhar individualmente com suas dificuldades e motivações para que depois possa somar ou multiplicar suas qualidades alcançadas com os demais membros da equipe.

Figura 10 - Recomendação dos estudantes para um bom desempenho na extensão.



CONCLUSÃO

A pesquisa realizada possibilitou avaliar a importância da extensão em vários âmbitos: na universidade, no curso de Engenharia Florestal, na vida acadêmica e pessoal dos estudantes.

A universidade de maneira geral precisa valorizar mais a extensão estabelecendo obrigatoriedade a todos os cursos a fim de promover maiores oportunidades aos docentes, discentes e funcionários de praticarem a cidadania.

Os resultados confirmam o quanto é imprescindível a extensão universitária na formação acadêmica dos estudantes do curso de Engenharia Florestal. E deixa claro que a extensão na sua formação fará deles pessoas mais críticas e preparadas para transformar o planeta num mundo melhor.

Recomenda-se que outros cursos realizem pesquisas de avaliação dos seus projetos de extensão tanto para servir de reflexão como para enaltecer o papel da extensão na universidade.

REFERÊNCIAS:

- CALDAS, M. A. E.; BARBOZA, J. P. *O papel da extensão na formação do estudante de Biblioteconomia*. Inf. & Soc.:Est, v.5, n.1, p.30-36, 1995.
- CASTRO, L. M. C. *A universidade, a extensão universitária e a produção de conhecimentos emancipadores*. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt11/t1111.pdf>> Acessado em agosto de 2010.
- CUNHA, M. I. *Ensino com pesquisa: a prática do professor universitário*. Cad. Pesq., n.97, p.31-46, 1996.
- DIAS, A. M. L. *Discutindo caminhos para a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão*. Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física, v.1, n.1, p.37-52, 2009.
- EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: *organização e sistematização / Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras*; organização: Edison José Corrêa. Coordenação Nacional do FORPROEX. - Belo Horizonte: Coopmed, 2007. 112p.
- FELLIPE, W. C. *Aprender a ser ao aprender a fazer*. Disponível em: <http://www1.pucminas.br/proex/arquivos/wanderley_chieppe_felippe_151.pdf>. Acesso em agosto de 2010.
- FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. *Plano Nacional de Extensão (1999-2001)*. Brasília. SESU/MEC, 1999.
- JEZINE, E. *As práticas curriculares e a extensão universitária*. Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. Belo Horizonte, 2004. Disponível em: <<http://www.ufmg.br/congrent/Gestao/Gestao12.pdf>>. Acesso em agosto de 2010.
- MARTINS, E. F. Extensão como componente curricular: oportunidade de formação integral e de solidariedade. *Ciências & Cognição*, v. 13, n.2, p. 201-209, 2008. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org>>. Acesso em julho de 2010.
- MARTINS, L. M. *Ensino-pesquisa-extensão como fundamento metodológico da construção do conhecimento na universidade*. Disponível em: <<http://www.franca.unesp.br/oep/Eixo%2020-%20Tema%203.pdf>>. Acesso em julho de 2010.
- RAYS, O. A. Ensino-Pesquisa-Extensão: notas para pensar a indissociabilidade. *Revista do Centro de Educação*, n.21, 2003. Disponível em: <<http://coralx.ufsm.br/revce/ceesp/2003/01/a7.htm>>. Acesso em agosto de 2010.

RAUBER, S. B. *Extensão universitária e formação profissional indissociáveis no processo de aprendizagem da Universidade Católica de Brasília*. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/792_883.pdf>. Acesso em agosto de 2010.

RIBEIRO, K. S. Q. S. *A contribuição da extensão comunitária para a formação acadêmica em fisioterapia*. *Fisioterapia e Pesquisa*, v.12, n.3, p.22-29, 2005.

SERRANO, R. S. M. *Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire*. Disponível em: <http://www.prac.ufpb.br/copac/extelar/atividades/discussao/artigos/conceitos_de_extensao_universitaria.pdf>. Acesso em agosto de 2010.

SILVA, M. S.; VASCONCELOS, S. D. Extensão universitária e formação profissional: avaliação da experiência das Ciências Biológicas na Universidade Federal de Pernambuco. *Estudos em Avaliação Educacional*, v.17, n.33, p.119-134, 2006.

UFPR Resolução nº. 70/08 - CEPE - Dispõe sobre as Ações de Extensão na UFPR. Disponível em: <<http://www.proec.ufpr.br/links/extensao/downloads.htm>>. Acesso em julho de 2010.